

ALBUM

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE

DE

ANALIA EMILIA FRANCO



ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANÁLIA EMÍLIA FRANCO

PAGAMENTO
POR SEMESTRE

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE

NUM. AVULSO
Rs. 1\$000

INSTRUCCÃO POPULAR

Desde remotos tempos se tem discutido em todos os idiomas e sob todos os pontos de vista o problema relativo á instrucção das classes populares, problema cuja solução definitiva tanto importa á humanidade; mas o que é novo e de origem mui recente é que em quasi toda a parte a idéa de considerar-se o ensino do povo como uma questão de alto interesse publico, como uma necessidade social, apenas agora chegou a fixar-se precisamente.

No seculo XVIII quando a mór parte dos philosophos eram, como se sabe, tão desdenhosos para com o povo, á ponto que Fontenelle chegava a dizer que se tivesse a mão fechada e cheia de verdades, teria o maior cuidado em não abril-a porque a verdade tem grandes perigos comsigo; já Diderot reclamava a instrucção para a povo, dizendo: « longe de corromper a instrucção abranda o character, aponta os deveres e os vicios ». Na epocha eminentemente democratica em que vivemos a não ser algum visionario anachronico, já ninguem desconhece que a instrucção, esta santa propaganda do progresso e da civilisação, não seja indispensavel ao povo para solidificar o edificio social, o qual só pode encontrar apoio e fortalecimento na sciencia e na moral.

E' incontestavel que n'este ultimo tempo a instrucção tem tomado um largo desenvolvimento, o que era outr'ora privilegio de alguns, vae-se tornando commum e accessivel a todos.

Por toda a parte espiritos humanitarios e patrioticos, tratam da diffusão da sciencia e do aperfeiçoamento dos methodos, afim de recuarem quanto possivel os limites da ignorancia, tornando ao mesmo tempo attrahente nas escolas o ensino da leitura, da escripta, do calculo, da historia e da geographia, dotando-as com o material mais moderno e especimens indispensaveis para o ensino intuitivo. No meio porém da nossa miseria remediada são rarissimos os especimens necessarios tão indispensaveis para o ensino intuitivo ás classes infantis.

A experiencia nos tem demonstrado que a creança não forma idéa senão do que toca experimenta e observa, por isso essas idéas devem-lhe ser communicadas pelos sentidos e hão de ser exactas, claras e precisas, a ponto de, por assim dizer, ella vêr e tocar os seus elementos nos objectos que se lhe mostra.

Todos sabemos quanta difficuldade ha no ensino da leitura para as classes infantis, porque a attenção das crianças ao que se lhes quer demonstrar não só é difficil de excitar, como tambem de se sustentar por algum tempo. Essa inercia das faculdades da observação que a creança contrahe torna-se uma segunda natureza e para combatel-a é preciso variar-lhe os objectos e os exercicios, tornando o ensino facil, solido, rapido e succinto. Deve-se fallar aos sentidos, e dar ao alumno o conhecimento directo do objecto, pela intuição, porque não ha cousa alguma na intelligencia que primeiro não passe pelos sentidos, isto é, não ha pensamento que não se derive de uma sensação.

D'ahi provem a necessidade incalculavel do ensino intuitivo para as nossas escolas, ainda desprovidas de recursos para esse fim.

Felizmente quanto ao ensino intuitivo da leitura o senhor Francisco Pedro do Canto, um dos distinctos inspectores

escolares d'esta Capital, dotado d'um espirito d'observação admiravel, organisou um aparelho que parece-me ha de preencher cabalmente essa lacuna, para o ensino da leitura ás classes infantis. Simples no seu conjuncto apresenta este aparelho de leitura intuitiva, todas as letras usuaes na leitura desenhadas em formas bem visiveis, n'uma especie de cubos coloridos, que se prestam facilmente a todas as mutações necessarias á formação da palavra e dos seus elementos. E' impossivel ao consideral-o não se inferir da facilidade e desenvolvimento extraordinario que este aparelho póde proporcionar ao ensino da leitura em muito pouco tempo. Este processo que o Snr. Francisco do Canto empregou em longos annos de tirocinio no magisterio publico, é filho da observação, da reflexão, do calculo e da experiencia, tendo obtido com elle os mais lisongeiros resultados.

Por este aparelho pode-se pois obter vantagens apreciaveis não só para o ensino rapido da leitura como tambem da escripta. Para isso apresenta-se á classe infantil uma palavra designando algum objecto que ella vê na sala da escola, e sob a qual fará um trabalho de analyse decompondo-a em letras para depois fazer o trabalho inverso a synthese, reconstituindo a palavra e mesmo formando outras differentes.

Na Belgica, na Suissa, nos Estados Unidos e mesmo em França, o methodo da escripta e leitura analytico-synthetico tem ganhado muito terreno, e para esse fim o aparelho de leitura-intuitiva do Snr. Francisco do Canto, presta um valiosissimo auxilio, facilitando immenso a applicação d'esse methodo hoje seguido pelas nações mais cultas. Tem além disso a vantagem de prender a attenção dos alumnos, pela mutação de exercicios frequentes, mostrando-lhes as palavras, e fazendo decompor-as sem esforço nem cansaço; e pelo testemunho dos olhos grava-lhes profundamente no seu espirito os resultados que lhes importa conservar visto que o aparelho força a criança a vêr as palavras e seus elementos e as tocar, distinguir, compôr, nomear e conhecel-as emfim nas formas tangiveis. Antes do abstracto o concreto, antes

da fórmula a imagem, antes da idéa a percepção; eis a linguagem da sã pedagogia.

Em conclusão diremos que este aparelho para o ensino de leitura intuitiva nos parece de consequência tão altamente importante á causa do ensino publico, que oxalá que aquelles que deveras se interessam pelo progresso da instrucção em nossa patria lhe prestem toda a attenção merecida.

A verdadeira sciencia do ensino infantil é rara, bem poucos adivinham a intelligencia das crianças e os labyrinthos d'ellas.

N'este ponto não ha palavras para elogiar condignamente a comprehensão e acerto com que á custa de inapreciavel trabalho e paciencia o Snr. Francisco Pedro do Canto organisou o seu aparelho de leitura intuitiva, a que denomina *Imprensa Escolar*, provando a sua grande competencia no conhecimento das intelligencias infantis, e presentando assim um relevantissimo serviço á causa da instrucção popular.

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1889.

ANÁLIA FRANCO.

O dia de Anno Bom

Apezar de já terem decorrido dezenove seculos, o mysterio augusto que a igreja hoje celebra, ainda nos impressiona e domina, inspirando-nos um sentimento nobre, profundo e religioso. D'este dia começa por assim dizer a grandiosa obra da redempção da humanidade, porque Christo sellou com a primeira effusão do seu sangue, a nova éra d'uma religião toda amor, toda doçura, que mais tarde devia erguer-se radiosa, triumphante como um padrão d'esperança para o mundo que ia nascer.

Mas para que possamos comprehender a sublimidade da religião é-nos precisa a fé.

A fé, diz um escriptor, é o raio de luz que se projecta da scintilla do espirito religioso e vae perder-se no seio dessa mansão luminosa, onde se firma o throno do Senhor do céu e da terra ».

Qual peregrino extraviado por senda invia d'arido deserto, extenuado de fome, de tedio e de sede, vendo-se de repente transportado a um Eden de ineffaveis delicias, assim o crente quando ferido pelos dolorosos attritos da vida, com os olhos fitos no céu, abriga-se ao fanal da fé, crisol divino que lhe illumina e retempera a alma, rasgando ao mesmo tempo o tedioso crepusculo dos seus dias de amargura e inconsolado desalento.

Para nos pobres ilotas, condemnadas a tantas dôres e humiliações, a quem nada se concede e de quem se exige as mais austeras abnegações, a fé é-nos o mais poderoso auxiliar, o mais firme sustentaculo.

No meio desse cahos monstruoso e incerto de doutrinas contradictorias, de idéas, de affectos e de desenganos que todos os dias nos desfolham uma esperanza e nos matam uma crença, deixando-nos tantas vezes vacillantes á beira do fojo profundo da miseria sem horisonte, quantas vezes não nos salva a fé?

Quantas vezes nessas horas tremendas d'angustioso soffrer, não volvemos os olhos em pranto para esse mundo ideal, que a nossa fé religiosa entrevê tão vivo, tão povoado como o mundo real, e não sentimos um balsamo consolador, qual celestial orvalho refrigerar-nos as dôres e dulcificar-nos as lagrimas?

A fé é a scintilla divina que nos accende n'alma o facho da caridade; a sublime virtude que nos ensina a encontrar sempre um perdão para todas as injustiças, uma lagrima untuosa para todas as dôres.

Sem a fé, Maria, a humilde descendente de Judá não seria escolhida para a augusta prerogativa de mãe do mais sublime dos philosophos — o Homem-Deus.

Sem a fé, Clotilde, não teria conseguido na victoria de Tolbiak, a conversão de Clovis e de todos os seus vassallos.

Sem a fé, Joanna d'Arc, a pobre donzella d'Orleans não seria elevada ao pantheon dos heroes da sua nação, conquistando uma gloria immarcessivel.

« A virtude sem fé, diz Alexandre Herculano, não tem verbo que a explique; é uma linguagem escripta com caracteres hieroglyphicos, que se vêem sem se comprehendem, em que os eruditos só encontram materia de discussão e de conjecturas ». E nem se leve a mal, que nós as filhas deste seculo de profundo descrêr sem educação bem orientada, sem ancora no mar procelloso da vida nos refugiemos aos pés da cruz para nos fortalecer e nos attenuar os impetos das paixões, não com uma devoção oca, vazia de sentimento, mas com a crença firme n'um Deus Omnipotente e Sempiterno.

Se ha cousa que mais nos entristeça, é vermos que a fé vai-se amortecendo no espirito das familias christãs.

Quantas mães ha infelizmente que se pejão de apresentar seus filhinhos a Deus, no proprio lar, de fazer-lhes erguer os olhos para o céu, ensinando-lhes a balbuciar as primeiras orações?

E, assim vimos tantas familias completamente absorvidas nos interesses mundanos, devoradas pela avareza ou ambição, pelo orgulho ou pela inveja, sempre insaciaveis em todos os desejos e gozos terrenos, sem um só pensamento, sem uma só esperança que as eleve acima deste mundo!

E' por isso que a corrente devastadora do scepticismo indifferente, do egoismo esterelizador, começa a produzir na vida intima e social, um não sei que de cruelmentê desconsolador.

Até no albergue triste, silencioso e esquecido do pobre que já não derrama lagrimas aos pés da cruz, e nem sente a necessidade de se elevar até Deus, um sensualismo brutal vae substituindo ás crenças piedosas. No seu profundo scepticismo, quando a desventura ou a miseria lhe bate á

porta, elle que já nada espera além desta vida, procura o remedio na embriaguez, a salvação no suicidio. « Quem priva o povo do céu, diz um moralista contemporaneo, deve conceder-lhe a terra. Quando o sacerdocio submetteu a humanidade, deu ao filho da terra que padecia a suave esperança de outro mundo melhor. Vós phariseus compassivos da sociedade livre e da burguezia liberal, que arrancastes do coração do povo a confiança na crença piedosa e não quereis allivial-o do ferreo jugo das vossas machinas — onde está a vossa logica? A logica da historia do mundo é mais forte do que a vossa. Se o céu desaparece está o povo justificado em reclamar a terra ».

Grande e inadiavel é pois a nossa missão, pesa sobre nós uma tremenda responsabilidade; possa a lembrança de ineffavel mysterio d'este dia, fortalecer a nossa coragem, para proseguirmos sem descanso na sagrada tarefa de dirigir as gerações futuras á conquista do bem, restituindo á familia a sua dignidade e importancia social; tendo sempre em vista que quanto mais a intelligencia se distancia de Deus, tanto mais se afasta de sua propria perfeição.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

OS BERÇOS

Numa fina gravura das mais bellas
Muitos berços se viam deslizando,
Como folhas nas aguas, ou estrellas
A correrem no céu, em doce bando.

E, ao passo que desciam, em fiada,
Numa curva suavissima e luzente,
Iam tomando a forma delicada
De barquinhos boiando lentamente.

Quem não dirá dos berços luminosos,
Onde dormem as tímidas creanças,
Que são elles os barcos mysteriosos,
Que trazem a vogar, as esperanças?

BERNARDO LUCAS.

O ATHEISMO

Horrorisa-me o atheismo e seus congeneres. Essa ho-dierna e insanissima apothese da materia e da força; essa estulta negação da causalidade divina e da Providencia suprema; esse nefario desprezo á metaphysica que contornou o conceito da personalidade e fixou na personalidade o fulgor da consciencia; o empenho de irmanar o nosso organismo a organismos inferiores ou de reduzir esta excelsa natureza á genealogia do lemur, á linhagem dos pithecus, todas estas derrancadas theorias malsinam a minha dignidade de crente e acalcanham a minha dignidade de homem. E, afinal, se a humanidade é um aggregado de átomos e o universo uma combinação de forças; se a mente de Paulo não passa d'uma secreção cerebral e a mente de Agostinho d'uma elaboração chimica; se a molecula é o unico principio e o nada o unico fim, a fê um mytho e Deus o acaso, ah! não vale a pena pensar nem cuidar mais de genio, de sabedoria, de virtude, de justiça, de liberdade, de cultura, de civilisação, visto que todo esse trabalho angustioso, todo esse itinerario agerrimo conduzem directamente ao vacuo, abrumam-se, perdem-se em sombras eternas.

Este, porém, não é o perfil da especie humana, o signaculo da compleição humana, porque do fundo d'esta compleição irrompe uma energia mais potente que as energias do cosmos e mais coruscante que a rutilação dos astros. E esta energia que nenhum positivista vingá conjurar e que nenhum positivismo logra convellir; esta energia, vivida como o oxigenio, mysteriosa como o magnetismo, incoercivel como o ar e imponderavel como a luz, é a insita, a altissima energia da crença. O homem é innatamente, essencialissimamente espiritalista, crente. Leva a idéa de Deus na consciencia e a esperança da immortalidade na alma; e, assim apercebido, assim dignificado toma a sua nobre attitude elevada em meio dos proscenios da Natureza e em frente dos deveres sociaes. Ah! quando em nós brilha

deveras a idéa de Deus, sobre a qual como sobre fulcro de diamante, giram materia e espirito; quando esta idéa brota intensa e tenacissima se do imo do nosso sêr, e distendendo' bracejando qual arvore da vida, as suas arrancas ao infinito, exorna incomparavelmente de immarcessiveis flores; então, n'este instante supremo, n'este solemne momento, a alma cresce-nos, vigorisa-se, expande-se, opulenta-se, clarifica-se, comprehende melhor a alteza da sua origem, a sublimidade da sua indole, a magnificencia do seu fim. E o homem vendo tudo isto, vendo que o seu pensamento comprimido em tão estreito vaso, é maior, mais portentoso que o universo, sente-se mais homem, sente-se mais illustre e digno, sente-se imperterrito, immortal, eterno. Eis a rasão porque, sendo o homem um sêr religioso, a sociedade, como reflexo do homem, deve ser uma entidade religiosa. E quanto mais o fôr e melhor o demonstrar, mais respeitada, mais destimada, mais venturosa será.

— Não existe força no mundo, não existe força na vida igual á força que deriva dos principios da crença que premana dos elementos da fé.

A negação poderá destruir, mas não póde edificar. A duvida terá propagandistas, mas jamais terá heroes, e nunca teve martyres. A indifferença engendra a atonia e a atonia resvala na inercia.

Gerações scepticas são gerações paralyticas e gerações paralyticas são gerações mortas.

Si os grandes ideaes formam grandes sentimentos, aprestam grandes estados, porque não ha estado que se chame grande quando composto de cidadãos sem virtude, e não ha estado que se chame pequeno quando composto de homens com fé. Povos grandes são povos progressivos e povos luctadores são povos crentes! — porque a vida é uma lucta, e a crença uma victoria.

ALVES LEMES.

CANÇÃO

A brisa tem seus lamentos,
A floresta seus cantores;
Tem as flôres seus perfumes,
A vida seus amores.

O alecrim tem a amisade,
A cercem tem a pureza;
O lyrio tem a innocencia,
A rosa tem a bellesa.

O jasmin tem attractivos,
A saudade melancholia;
A perpetua tem constancia
O melindre sympathia.

A angelica tem o prazer,
As damas tem a ternura;
O malmequer tem seus tormentos,
A violeta tem candura.

O bosque tem o silencio,
A fonte o murmurar;
A rola tem seus queixames,
Os echos seu fallar.

Só eu não tenho no mundo,
Um mimo para te offertar;
Espera amigo..... encontrei-o
E' um peito que sabe amar.

(Ext.)

SOGRAS E MADRASTAS

Sogras e madrastas! Os demonios da sociedade, murmurarão talvez os leitores: são, as victimas, d'ella accrescentaremos nós.

Não sabemos qual a razão porque estas duas posições a que todas as mulheres podem estar sujeitas, e que em verdade devem ser pesadissimas, a mór parte das vezes só servem para acarretar verdadeiras antipathias.

Não existirão *sogras* e *madrastas* boas?

Por certo que existem.

E não haverá acaso algum genro mau, ou enteado?

Muitos e muitos sem duvida alguma.

Pois bem, que motivos temos nós então contra essas desventuradas creaturas, para derramarmos sobre ellas toda a nossa terrivel bilis?

França Junior, o incansavel folhetinista que tanto e tão vantajosamente tem estudado a nossa sociedade já em um de seus apreciadissimos escriptos fallou-nos das sogras e das injustiças de que as miseras se tem tornado alvo.

No projecto escriptor encontraram ellas, pois um distincto defensor, dispensando por esse motivo, quanto em seu favor podessemos dizer.

A opinião do illustre folhetinista é tambem a nossa.

O grande, o immenso crime das sogras, é o não poderem as mais das vezes assistir impassiveis aos martyrrios, aos soffrimentos, ou emfim ao abandono em que veem as pobres e queridas filhas.

Se o amor de mãe é como geralmente se apregôa o mais puro e santo de todos os affectos, como esperar que, aquellas que o sentem em todas as suas sublimes manifestações, procedam de modo diverso do que o fazem em tão criticas circumstancias?

Para um genro bom, não crêmos que exista uma sogra má.

Conhecemos muitos exemplos.

*
*
*

Com as *madrastas* dá-se identico caso: dai-lhes bons enteados e vel-as-heis velando por elles como se fossem seus filhos.

Imaginal, porém, uma senhora distincta, de uma educação esmerada, que nasceu e viveu sempre cercada de todas as commodidades que a fortuna nos póde proporcionar, e que um dia por uma dessas fatalidades inexplicaveis cuja origem não nos propomos neste momento desvendar, une-

se a um homem que lhe leva uma filha teimosa, malcreada, insolente mesmo, que desobedece-lhe sempre para a vê incommodada, que arranca-lhe do jardim as flores que ella mais presa, trepa nas cadeiras, pede tudo quanto vê, tem maus costumes, não deixa a infeliz madrasta ter um momento de seu, se busca um livro por exemplo, para entreter-se, vem logo para junto d'ella gritar, dizer tolices, aborrecel-a finalmente; e accrescentai a tudo isto a voz publica a lamentar a creança e a accusar a sua madrasta que não lhe faz mimos, que não a beija, que não acha graça em todas essas cousas, e tereis diante de vós o algoz tão fallado; tal qual elle é: uma victima digna de toda a compaixão.

Se a missão de mãe é grande e sublime, porém também ardua, difficil; se os deveres de professora encerram responsabilidade illimitada; o papel de madrasta é por todos os respeitos muito mais pesado.

A mãe—a não ser por uma d'essas raras excepções—não se vê censurada por castigar os filhos, por admoesttal-os muitas vezes, ser mesmo severa para com elles; diz se geralmente:—tenho pena de E. porque vê-se louca com os filhos, são endemoninhadas aquellas creanças; e ninguém ousa dizer:—deploro a sorte d'ellas por causa dos castigos que dá-lhes a mãe!

Sabe-se que ella se procede assim, é porque é necessario para a boa educação dos filhos: tudo quanto faz é justo e para o bem estar d'elles.

A professora tem também o seu quinhão de desculpa. Castiga porque é necessario, porque os paes dos alumnos querem vêr o lucro do seu dinheiro, e os pequenos por meio de palavras apenas, não se querem corrigir dos seus mil defeitos; em uma palavra, fal-o também porque é bôa; a madastra porém, nunca tem razão.

Com que direito castiga as creanças? Não são seus filhos!

Se a misera dá-lhes excessiva liberdade, é má porque cria-os á lei da natureza—e pouco se importa com o mal que d'ahi lhes póde provir; se os prende, se lhes prohibe o andarem com as outras creanças, temendo que elles tomem

os maus costumes d'aquellas: é tambem má pois não deixa que os pobrezinhos brinquem e aproveitem a sua infancia; que fazer então?

Soffrer no silencio e deplorar consigo a sua sorte, é quanto lhes resta, e é o que muitas d'ellas fazem.

Finalisando, diremos: educar os filhos alheios é de todas a mais cruel missão que póde ter a mulher. Ser sogra, deve ser triste; ser madrastra, simplesmente horrivel!

*
*
*

Felizmente quem traça estas linhas, tem a felicidade de não ser madrastra, e a firme convicção de que tambem jámais será sogra.

JULIETA MONTEIRO.

Saber bem doutrina constitue um dos deveres de uma educação primorosa, e no entanto a filha que aprendeu, a mãe que a mandou ensinar, ignoram todos os deveres a que esta sciencia, a ser bem comprehendida, as obrigaria.

MARIA AMALIA.

UMA VIDA MODELO

VII

A' distancia de um quarto de legua ao norte de Bethlem, achavam-se n'uma deleitosa campina alguns robustos e alegres pastores que revesavam as vigalias para guardarem o seu rebanho, alli na suave paz do campo no silencio e na solidão da noite. Agrupados debaixo do fragil tecto d'uma choupana deserta feita d'algumas tabuas e troncos d'arvores, ouvindo o som do vento na folhagem, sentindo o sopro glacial das neves, e separados do resto dos homens pela solidão immensa, fallavam sobre a vinda do Messias tão anciosamente esperado por elles.

Já ia alta a noite e o fogo que os pastores accenderam para se resguardarem do frio tinha-se extinguido lentamente, mas a lua por entre o cortejo das estrellas brilhava no céo, espargindo os seus raios tremulos no interior da choupana mal abrigada onde repousavam os pastores.

De repente viram encaminhar-se para elles um formoso adolescente, tendo no peito uma estrella cujos raios resplendiam illuminando toda a choça como se fosse a luz do sol.

Assombrados e encolhidos de receio ante aquelle prodigio começaram a tremer:

— Nada receies — disse-lhes o mensageiro celeste — porque eu venho trazer-vos uma nova que será para todos motivo de grande alegria. Hoje na cidade de David nasceu o Salvador que é Christo.

Eis o signal para o encontrardes: Achareis um menino envolto em pannos deitado n'uma manjedoura.

Em seguida ouviram cânticos angelicaes cantando: « Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade ».

Os anjos desapareceram, e desvanecida a maravilhosa visão, os pastores encostados nos seus cajados olharam uns para os outros como assombrados, depois tendo conferenciado sobre o que tinham ouvido e visto, sem fazer caso do frio e adiantado da noite se puzeram a caminhar. Elles levaram consigo todos os dons que o sua pobreza lhes proporcionava para offerecerem ao recém-nascido em Bethlem, e partiram pressurosos, deixando os seus rebanhos á guarda de Deus.

Entrando na lapinha acharam o menino reclinado no presepio e ao seu lado Maria e S. José; vendo-o reconheceram a verdade da revelação dos anjos.

Prostrados por terra o adoraram depondo aos seus pés as suas humildes dadas.

Maria e José receberam com carinhoso affecto os rusticos pastores, agradecendo-lhes com lagrimas de gratidão os seus presentes.

Satisfeita a sua missão os pastores abandonaram o santo presepio e glorificando a Deus, loucos de alegria correram a espalhar aos amigos e parentes a venturosa nova dizendo:

— O Messias nasceu! — Está salvo Israel! Gloria a Deus nas alturas. As suas narrações escutadas á orla das mattas e nas encostas das quebradas alvoroçaram a todos os outros pastores que em alegre comitiva foram adorar o menino recém-nascido elevando mil louvores ao Deus de Sion.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

INESILIA

I

Ha alguns annos fui rezidir perto da villa de *** em uma simples e rustica morada situada junto a um ameno prado que se prolonga entre collinas cobertas de cafezaes. Alli, a amisade d'uma respeitavel familia me offerecia um grato asylo. A primeira vez que emprehendi reconhecer os arredores do sitio onde me achava, dirigi-me a uma extensa alameda de bambús que separava a campina da graciosa e pittoresca villa de ***. Era um domingo, o céo estava limpido e sereno; ostentando a natureza todos os seus primores, acariciada pelas singelas canções de uma infinidade de passarinhos que trinavam alegremente saltando nos ramos das arvores.

N'aquella hora o sino do campanario proximo vibrou echoando no espaço os alegres repiques, com os quaes convidava o povo á cerimonia religiosa.

Os habitantes da villa e os lavradores pobres deixando os seus humildes tectos com os seus trajos domingueiros, se dirigiam para a igreja. A' mesma hora e de todos os pontos, outros atravessam os escuros ambitos da comprida

avenida de bambús. Uns iam á cavallo outros de pé; alguns pressurosos como se fossem realizar lucrativos negocios, outros lentamente como que arrastados e inebriados da formosura do risonho quadro que a prodiga natureza lhes apresentava n'um ambiente impregnado de harmonias e fragranças. Era realmente arrebatadora, a perspectiva que eu tinha ante os olhos. Sobre um extenso tapete de verdura as poucas casas da villa de *** irregularmente dispostas em terreno accidentado, agrupavam-se com uma desordem agradavel, ora descendo ora subindo até uma elevada collina de um verde escuro; onde no fundo azul ferrete do céu destacava-se o rustico campanario da modesta igreja. Do outro lado por entre duas collinas cobertas da mais ridente vegetação e corôadas por laranjaes, estende-se uma immensa campina, a qual como uma alcatifa de masgos e flores, prolongava-se infinitamente até ir perder-se nas brumas cinzentas do longiquo horizonte. Junto ás encostas dos montes estavam semeiados limeiras, limoeiros e muitas outras arvores fructíferas; e nas orlas deslisava-se um claro manancial derramando na sua passagem a vida e a fragrança, que com perolas de orvalho refrigeravam e fertilisavam as relvas e flores que matisavam as suas margens.

O sol quasi no meio da sua carreira diurna esmaltava com a radiante luz dos seus raios aquelle panorama esplendido, accendendo mil aljofares sobre a mimosa relva cheia de viço que crescia nas orlas do ribeiro.

Começava apenas a gozar aquelle espectaculo encantador; quando de todos os lados vi irromper-se esta exclamação:

— A louca!... a louca!

Immediatamente voltei os olhos e vi os transeuntes apertarem entre si, abrindo uma larga estrada para darem passagem a uma moça esbelta, toda vestida de branco, e que poderia ter desoito annos. Caminhava vagarosamente, detendo-se a cada instante, como se mal pudesse suster-se; por fim com a expressão do mais indivisivel desalento e desgosto, sentou-se sobre uma pedra do caminho.

Alguns lavradores mais sollicitos e compasivos rodearam-n'a e interrogaram-n'a, mas a moça, a quem ouvi chamar pelo nome de Inesilia, com a cabeça apoiada a uma das mãos, absorta em não sei que extranhas cogitações, parecia nada ver, nem ouvir de tudo quanto se passava em torno de si. Os abrasadores raios do sol, cahiam então perpendicularmente sobre a sua cabeça; e eu sem ser observada do lugar onde me achava podia examinal-a detidamente.

Entretanto por mais que buscasse descobrir no conjunto harmonioso dos seus delicados traços, um só indicio que me pudesse justificar o qualificativo que lhe haviam dado, não me foi possível encontral-o.

Inesilia tinha uma d'essas physionomias difficeis de pintar-se, mas que vistas uma vez, só a custo se poderia esquecer. Nas suas faces crestadas divisava-se apenas um imperceptivel colorido; e o olhar sempre mergulhado n'um seismar triste e descuidoso, por vezes fixava-se no céu com uma particular insistencia, tornando-a completamente alheia e distrahida. Ao ver-se a lividez dos seus labios: a cutis excessivamente pallida e o rosto macerado, com grandes olheiras roxas, dir-se-hia que o intimo pungir de profunda magua lhe desflorara o coração, e, que aquella existencia minada por um longo soffrimento, estava prestes a despidir-se do mundo. Tinha os cabellos castanhos e anelados, e o vestido branco que trazia era ligeiramente apertado na delgada cintura por uma fita azul celeste.

Quando depois d'alguns minutos de muda contemplação, eu a vi erguer-se e desaparecer por entre as sinuosidades da estreita alameda, com o seu alvo vestido ondulando á vontade do vento, senti um quer que seja de inexprimivel; fiquei por longo espaço triste e pensativa, recordando-me ao mesmo tempo das pallidas e aereas visões das virgens de Ossian.

(Continúa)

ANALIA FRANCO.

CONTO PARA CRIANÇAS

TORRE DOS RATOS

Houve antigamente em Moguncia um arcebispo perverso que exercia tambem as funcções de abbade de Fulda e que adquirira celebridade por sua avareza extrema.

Um certo anno que as terras pouco tinham produzido, comprou elle todo o trigo para depois odiosamente o manipular, vendendo-o por alto preço ao povo — tal era o seu constante empenho em cada vez mais enriquecer! E a escassez de viveres ia de tal sorte augmentando que em breve entrou gente a morrer de fome nas aldeas do Rheno. Então o povo agglomerou-se em Moguncia, chorando, chorando, lamentando-se e pedindo pão. Continuava inflexivel o arcebispo. E o povo faminto não se dispersava, antes proseguia gemendo entorno dos paços archiepiscopaes. O prelado aborrecido já com a insistencia mandou prender pelos seus archeiros toda aquella gente; homens, mulheres, velhos e creanças foi tudo aos pontapés, empurrado para dentro de um celleiro, e, depois de lá inclausurados, deitou-se-lhe fogo. Ante um espectáculo assim horroroso o arcebispo não fazia senão rir! — « São os ratos a guincharem » (dizia elle quando os desgraçados a extorcerem-se nas chammas soltavam dolorosamente seus angustiadissimos lamentos). No dia seguinte estava o celleiro reduzido a um triste montão de cinzas; Moguncia porem achava-se completamente deserta. Só o arcebispo e os seus archeiros campeavam orgulhosos n'aquelle desolado local. De repente começou a surgir dentre as cinzas uma quantidade espantosa de ratos, pullulando innumeraveis como das ulceras de Herodes pullulavam os vermes. Brotavam do solo, insinuavam-se pelas fisgas do pavimento, sahiam através das rachas da parede, renasciam sob os pés de quem buscava esmagal-os, multiplicavam-se por mais que os apedrejassem,

por mais que os espancassem, por mais que pretendessem reprimil-os ou extinguil-os; inundaram as ruas, a cidadela, o palacio, as adegas, os salões, as alcovas. Era um flagello, uma praga medonha que pesava sobre Moguncia como castigo do acto abominavel praticado pelo seu indigno arcebispo. Este, para escapar-lhe, deliberava salir de Moguncia e fugir para o campo; lá foram ter com elle os implacaveis ratos. Correu depois a refugiar-se em Birgen, julgando que as altas muralhas d'esta praça os preservassem dos seus persiguidores; os ratos marinharam pelas muralhas de Birgen invadindo a povoação. Então como unico recurso o prelado mandou construir uma torre no meio do Rheno e lá procurou guerida; os ratos deitaram-se a nado, atravessaram o rio, treparam á torre, — e foram roendo tudo quanto se lhes deparou, portas, tectos, janellas, sobrados, té chegarem aos subterraneos, onde o miseravel arcebispo se tinha escondido e onde finalmente o devoraram vivo.

VICTOR HUGO.

O ENGEITADINHO

Nada ha de mais triste e mais digno de nossa sympathia e amor do que esses pequeninos anjos nascidos em hora nefasta, privados do berço, e muitas vezes sem um lar hospitaleiro, tepido, caricioso onde repouzem. Nunca essas ineffaveis e deliciosas caricias de mãe, cujo meigo sorriso perfuma e doira e existencia, lhes diffundiram n'alma entristecida pelas agruras da sorte um só raio de esperanza.

Quasi sempre condemnados a um soffrimento constante, desprotegidos e despresados, experimentando todos os caprichos da adversidade, a terra é para elles como um paiz arido e pallido, onde veem todos os dias o despontar da aurora sem que lhes traga uma só esperanza, um só consolo. E se alguns são felizes, quantos, porem, não succumbem por entre humilhações sem conta, na eterna orphandade de todos os affectos?

Vi muitas vezes a um desses infelizes, sentado tristemente á soleira d'uma mesquinha taberna.

Era um interessante menino de seis annos talvez.

A sua cabecinha loira curvava-se ás vezes sobre o peito e permanecia longo tempo a meditar. Os olhos ingenuos, languidos, d'uma suavidade indizível, irradiavam em todas as suas vistas uma expressão de tão intimo e resignado soffrer, que infundia ao mesmo tempo um mixto de admiração e sympathya.

No meio d'um sorriso ficava algumas vezes absorto a pensar, como se a alma de subito arrebatada, voasse pelas regiões do infinito a sonhar com os anjos.

As suas roupinhas muito sujas, muito esfarrapadas, mal lhe cobriam o corpo macilento e debil.

Quando succedia ver-me, um breve sorriso lhe enfiava os labios mas apagava-se de subito, qual o refugir do raio que sómente brilha um instante no espaço para mais encarecer os horrores das trevas.

A ultima vez que eu o vi foi uma tarde sombria e triste.

Encostado negligentemente no balcão da taberna, cantava aquella criança.

E' porem, impossivel descrever-se as impressões multiplicas successivas que me produziram as notas suavissimas daquelle canto, as quaes echoavam-me n'alma melancolicas e doridas comò as vibrações d'um coração profundamente maguado.

Depois nunca mais soube o que foi feito d'elle; mas por vezes á hora em que o crepusculo em trevas desmaia, por entre uma confusa harmonia de gorgeios e vagos rumores, eu creio ouvir como um echo longinquo, as vibrações melancolicas e doridas daquelle canto, produzindo-me ainda a mesma impressão que experimentei quando pela primeira vez o ouvi.

ANALIA FRANCO.

A VINGANÇA DAS FLORES

(IMITAÇÃO DE FEILIGRATH)

Anoitecera. A alcova, hermeticamente fechada, era apenas illuminada pela fraca luz que coava-se pelo globo opaco da lampada. No leito, coberta com suas roupagens, ornada de lindas rendas transparentes, repousa a formosa donzella.

A mimosa cabeça sobressahia nas alvas cambraias, os longos e dourados cabellos formam-lhe uma aureola, e ligeiras madeixas brincam em sua pallida fronte.

Sobre o marmore de mesinhas ostenta-se um viçoso ramo de flores, que, vencidas pelo tepido ar do aposento, inclinam suas hastas semicrestadas, sobre o dourado friso da rica jarra de Sévres que as contém.

Reina profundo silencio na alcova. Apenas a fraca respiração da gentil adormecida, suavemente eleva-se ao ar.

Mas eis que pouco a pouco um leve murmurio perturba o silencio. E' das flores que parte. E de instante a instante torna-se mais forte o murmurio.

Eis, porém, que as flores agitam-se, erguem seus calices ha pouco ainda pendidos, e as corollas entreabrindo-se deixam surgir de seu interior estranhas figuras.

Do seio da Rosa ergue-se uma magestosa mulher, de rubras faces, e com a fronte ornada por aurea corôa;

Do Lyrio, um altivo mancebo, de pallida e pensativa fronte;

Da Magnolia, uma nobre princeza ostentando o esplendor de seus arminhos;

Do Amor-Perfeito, um joven que em seu triste olhar revela profundo desespero;

Da Violeta, uma menina que modestamente abaixa os meigos olhos;

Do Narcizo, um formoso mancebo, que approximando-se da donzella, que repousa no leito, sorri-se para ella.

Da Camelia, uma mulher de deslumbrante formosura, mas em cujo rosto só se lê immensa vaidade e gelida indifferença ;

Do Louro, um cavalheiro que com galhardia sustenta a rutilante espada ;

Da Papoula, um turco em esplendidas vestas, com a pallidez profunda e o amortecido olhar dos fumadores de opio ;

Do Cravo, um arrogante fidalgo, envolto em purpurea capa ;

Da Flôr de Lorangeira, uma pallida noiva coberta de branco véu.

Do Jasmim da India, uma ardente boiadeira com seus cabellos de azeviche e seus olhos mais negros ainda ;

Da Granada, uma graciosa hespanhola agitando risos na suas castanholas ;

Da Saudade, uma desconsolada mulher coberta do crepe da viuvez ;

Do Junquillo, um moreno filho dos tropicos, cujos ardentes olhos castanhos deslumbram e fascinam ;

Da Sempre-Viva, uma triste donzella em cujo rosto parece estar estampada uma dôr eterna.

Do Myrto, um pretencioso velho que persegue a imagem da rosa com seus cubiçosos olhares ;

Do Cactus, finalmente, um mancebo bello, vaidoso e insignificante...

Uma a uma das estranhas figuras rodearam o leito em que estava reclinada a donzella, e de novo se repetem os murmurios, que, lentamente ateando-se, formam o seguinte côro :

« Donzella, cruel donzella, porque nos arrebataste do jardim em que tão felizes eramos ? Nascemos, crescemos na liberdade e aos fecundos beijos da brisa ; um a um desabrocharam nossos botões.

« Quão bellas eram as manhãs de então, quando ao romper da aurora, o zephyro em nossos seios depunha seus inebriantes beijos ; quando sob o ardor dos beneficos raios do

sol, languidamente nós inclinavamos, para, após, recuperarmos novo viço e brilho; quando, uma a uma, as diamantinas gottas do rocío sobre nossas petalas tombaram! Oh! quão bella era a vida então... e tu, criança cruel, por um capricho nos roubaste toda a alegria; toda a felicidade, para fenecermos, longe de tudo que amavamos, morremos quando mais bella se nos antolhava a vida, morremos longe da terra, mãe querida e commum.

« Colheste-nos em todo o viço para ornar teu aposento virginal, e para, depois de rapida extincção de nossa vida, lançar nossos pobres cadaveres com indifferença nos braços de nossa amada mãe, a cujos beijos então seremos insensíveis, insensíveis mesmo aos beijos do nosso adorado Zephyro.

« Desapiedada donzella, não te commoveu nossa sorte; á morte nos votaste; pois bem: és bella, joven, cheia de vida e de esperanças, e vais morrer!...»

Uma a uma se inclinam sobre a virgem adormecida, e na cálida atmosphaera da alcova cada vez mais intensos se tornam os perfumes.

Sobre as lindas faces da donzella, que tão brancas se destacam entre as douradas madeixas, uma rosea mancha se desenha, e cada instante decorrido mais rubra as torna...

.....

E quando á noite succedeu o dia, acharam a pallida donzella immovel e mais branca ainda que as transparentes rendas em que repousa sua loura cabecinha.

Sem vida tambem, junto ao bello cadaver, fazem os cadaveres não menos bellos das flôres, na vida rivaes d'ella pela belleza, e na morte irmãs!...

CAROLINA VON KÖESERITZ.

LAGRIMAS BEMDICTAS

Sempre te vejo doudejante e bella,
 Sempre em sorriso, a cantar radiante:
 Nunca uma nuvem de tristeza vela
 Esse teu meigo e angelical semblante?...

Se alguém te falla de pesar singella
 Os olhos ergües para o céu brilhante,
 Como se acaso lá do azul na tela
 Pudesse lèr o teu porvir distante.

Nunca um suspiro n'esses labios dôces!
 Como se bronze ou marmore tu fosses,
 Nunca um soluço n'esse peito ainda!

Mas, não... espera... eu já te vi chorando...
 Era uma tarde... ia-se o sol deitando;
 Dava uma esmola essa tua mão tão linda!

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

ADORAÇÃO

A' minha extremosa amiga D. Maria José de Mello

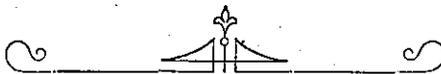
Doce velhinha! santa creatura!
 és tão boa, tão meiga, que o Senhor
 fez de ti, doce anjo tutelar,
 cofre divino de materno amor!

Aos teus pés eu me curvo reverente,
 imagem da virtude e da bondade;
 és amparo, consolo dos que soffrem,
 no largo caminhar da mocidade!

Ha p'ra ti um poema vaporoso,
 estrella que no azul fulgura e brilha,
 co'a luz do amor mais puro e grandioso!

Esse poema, que a nada se assimilha,
 é *Julia*—diadema luminoso!
 que a tua vida ampara,—é tua filha!...

D. ISABEL FERREIRA.



Esta Revista que se publica uma vez em cada
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

